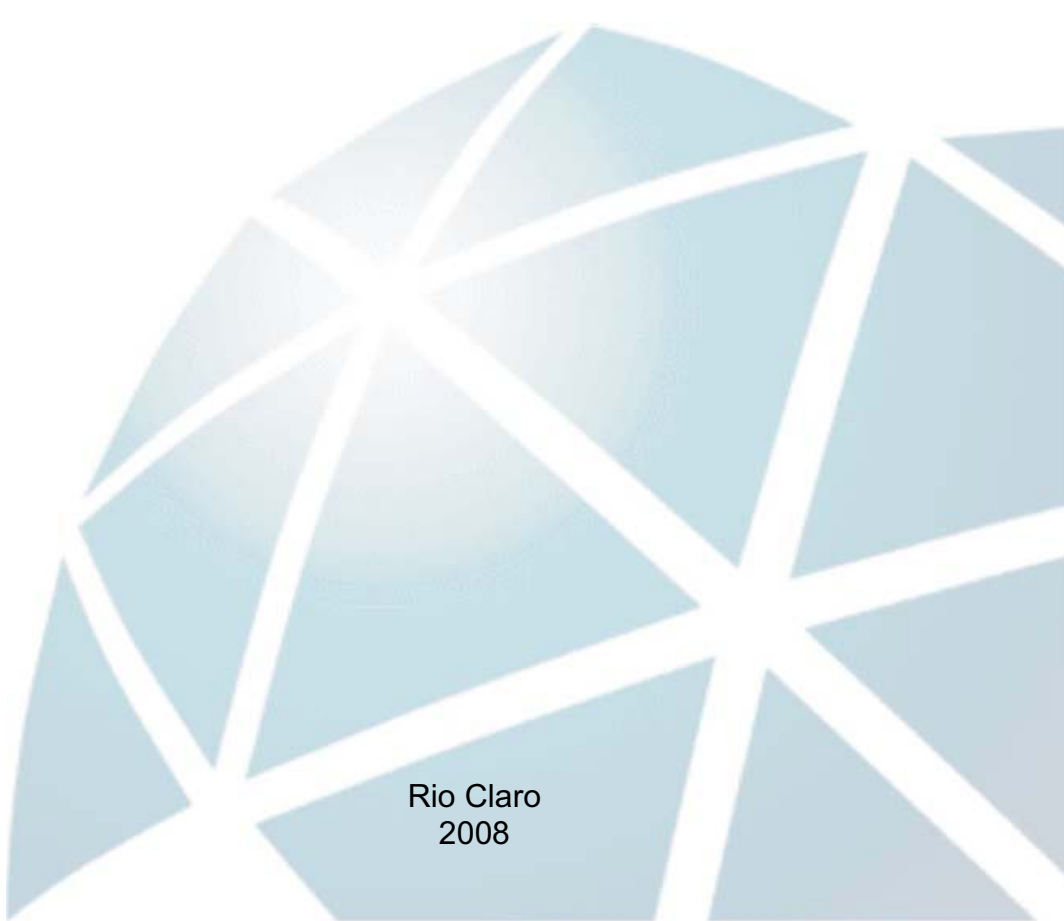

Educação Física

Caroline Cancian

**Cultura Corporal e
Educação Informal Indígena**



Rio Claro
2008

Caroline Cancian

Cultura Corporal e Educação Informal indígena

Orientador(a): Carmen Maria Aguiar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Bacharel.

Rio Claro
2008

796.1 Cancian, Caroline
C215p Educação informal e cultura corporal indígena / Caroline
Cancian. - Rio Claro: [s.n.], 2008
31 f. : il., mapas

Trabalho de conclusão (bacharelado – Educação Física) –
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Carmen Maria Aguiar

1. Expressão corporal. 2. Araribá. 3. Guarani. 4. Terra
sem males I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação universitária. Não quero citar nomes, pois tenho muito medo de, na euforia das palavras, esquecer mesmo que por um instante o nome de alguém querido. Mas quem conviveu comigo sabe que serei eternamente grata aos que participaram dos melhores anos da minha vida.
Obrigada

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais,
Adanir Cancian e José Carlos Cancian (in memoriam)

SUMÁRIO

Página

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. O CORPO E A NECESSIDADE E MOVIMENTO.....	7
2.1 O Corpo e a Construção de Personalidade.....	10
3. RITOS,DANÇAS E A “TERRA SEM MALES”	12
4. A CULTURA GUARANI.....	15
4.1 As Lendas de Criação do Mundo.....	15
4.2 A Cultura Ameaçada.....	18
5. PROCEDIMENTOS.....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
7. BIBLIOGRAFIA.....	27
8. ANEXOS.....	28
I. Mapa 1.....	28
II. Mapa 2.....	29

1. Introdução

O trabalho proposto consiste em relacionar a necessidade de movimento do corpo humano, com o estilo de vida sedentário adotado pela sociedade trabalhadora atual, através da apresentação de características da comunidade indígena, que usa o corpo como meio de expressar sua cultura colocando-o de forma saudável em movimento.

Na primeira parte do trabalho, apresento características da educação informal, de mestre para aprendiz, de fácil observação em comunidades que ainda não têm como base de sua formação intelectual o ensino ministrado em salas de aula, e que passa quase despercebida em nossos costumes a partir do momento que colocamos a educação formal em primeiro plano. Assim, partimos para observações desse tipo de conteúdo que vem sendo perdido com os padrões globais.

Um tópico abordado na parte seguinte do trabalho é o da construção da personalidade dos integrantes dessas comunidades. Lá podemos perceber a complexidade de um ensino informal na formação de caráter passada de pais para filhos, com uma relação muito próximas entre eles. Com essa leitura poderemos vivenciar as características da criação das crianças Guarani.

Em seguida, o trabalho nos remete ao conteúdo da Cultura Guarani, ritos, danças e crenças, mostrando características que ainda preservam nos limites da aldeia. Esse conteúdo é que vai nos apresentar ao movimento corporal da aldeia que ainda condiz com a visão Guarani do equilíbrio do homem com a natureza que é relatada através de bibliografias no capítulo seguinte.

Na parte final do trabalho, é apresentado como a cultura dessas comunidades vêm sendo sobrepostas pela cultura globalizada e a

necessidade da saída da aldeia para se manter socialmente e financeiramente. Podemos perceber como, violentamente, o progresso que agride também qualquer etnia envolvida, castrou o modo de vida destas comunidades no momento em que atingiu com seus valores pré-estipulados a base de sua educação e estruturação social, o corpo.

Os procedimentos dos que foram utilizados na pesquisa foram decididos junto à orientação que possibilitou a experiência e possivelmente a real viabilização da pesquisa baseada em trabalho de campo. Além das fontes bibliográficas, a pesquisa de campo aconteceu com uma visita à reserva de Araribá, primeiramente com atentas observações do grupo e posteriormente analisando bibliografias focadas nos estudos de comunidades indígenas, não só de Araribá, mas também de outras etnias, de outras partes do Brasil.

2. O Corpo e a Necessidade de Movimento

Ao nos depararmos atualmente com um processo de educação corporal que tem como base programas de saúde, prevenção de doenças e padrões estéticos, percebemos que desta forma surge uma discrepância entre esse processo educacional e os valores culturais locais de cada região. Esse processo educacional acontece ligado diretamente à necessidade de movimentar uma sociedade trabalhadora sedentária e, visto que os trabalhadores são obrigados a passar horas se dedicando apenas ao trabalho intelectual ou físico exaustivo e repetitivo

A atividade física passou a ser tema de estudo a partir dos anos 60 de forma militarista que usava do corpo disciplinado e obediente a serviço da sociedade. Esse método de obediência posteriormente reflete nas condições do corpo e na educação escolar, com a utilização de regras e padrões de comportamento nas salas de aula e de conduta social. Esse processo educativo entra diretamente em conflito com a necessidade de movimentação corporal, intimamente ligada a cultura particular de cada indivíduo, ou seja, o corpo passa a ser tratado como ferramenta, objetivando a ordem social. O corpo humano naturalmente ativo, passa a ser sedentário, devido as novas características sociais e condições de trabalho atuais, tornando a atividade física uma ferramenta para o combate deste sedentarismo e não um lazer necessário a saúde.

Procurando por um tema o qual me dirigiria para um estudo de cultura corporal, fui amadurecendo o assunto à medida que estudava uma forma de movimento alternativo que auxilie no processo educacional alimentando o sistema de ensino formal hoje.

Os movimentos corporais ainda explorados por determinadas populações no estado de São Paulo me chamaram a atenção pela

forte expressão de suas culturas através do corpo, ou seja, o corpo que sustenta, o corpo que reza, o corpo que protesta. Assim podemos ainda apreciar um movimento cultural sadio e preservado pela cultura indígena bem no centro de enormes latifúndios da região que mais alimenta o sistema de produção vigente.

A população indígena do estado de São Paulo, após anos de violência física e moral continua se desgastando com o processo civilizatório e agora encaram em sua rotina com horas estipuladas de trabalho e repressão pelo espaço físico e aspecto social, de suas crenças, ritos e educação informalizada, entre mestre e aprendiz.

O corpo, visto hoje apenas como um instrumento de trabalho, é um forte instrumento de expressão não só através das atividades artística, como a dança e o teatro, mas também do simples ato de copiar o semelhante nas práticas cotidianas. A relação estreita entre corpos no dia-a-dia proporciona aos envolvidos o fácil aprendizado de tarefas que auxiliam nos métodos de sobrevivência e conseqüente perpetuação de uma cultura. O filho que acompanha a mãe no roçado, aprende quase naturalmente a melhor época para plantar, a melhor semente a ser utilizada e a melhor época para colher os frutos. A criança pendurada na cintura da mãe aprende também um artesanato, o lugar pra onde levam as trilhas, a culinária típica e também escuta quase constantemente as histórias de seus antepassados.

A proximidade entre os corpos faz com que esses vibrem em uma sintonia tão parecida que o aprendizado torna-se um prazer, sem cobranças.

Com o período colonial, os métodos educativos empregados pelos europeus, aos poucos foram invadindo as comunidades, carregados com valores religiosos de ordem e repressão aos prazeres corporais. O corpo entra em fase de controle e costumes como o de usar roupas começam a ser adotados pela mesma relação da mãe com o filho, desta vez copiando os hábitos dos colonizadores.

Nas escolas, também trazidas da Europa, o corpo acostumado livre na natureza, enfrenta uma estranha ordem de passar horas a fio, sentado, com atenção unicamente voltada a um desconhecido chamado de mestre, que passa para seus alunos ensinamentos que não pertencem a sua cultura mas ditos imprescindíveis para a formação da mente pensante, a alfabetização.

A vantagem de um estudo com a comunidade indígena é a riqueza de movimento nos ritos, nas danças e das atividades diárias de artesanato, caça e pesca que poderiam ainda ser preservados. O estudo se remete à um resgate cultural da vivência Guarani com seus antigos aspectos nômades que contribuíram para a riqueza de suas crenças e rituais baseados no mito da “Terra sem Males”

O posto indígena de Araribá, posto o qual foi escolhido por mim para a realização da pesquisa, localiza-se na cidade de Avaí, a 42km de Bauru no interior do estado de São Paulo. As aldeias da reserva de Araribá, Guarani e Terena, chegaram lá com propósitos diferentes, sendo que os Guarani, de acordo com seus ancestrais, seguiam um movimento migratório para o leste baseado na crença da “terra sem males”. No decorrer da violência com a ocupação civilizadora, muitos foram mortos e uma minoria que foi achada na região foi aldeada com a criação da reserva de Araribá. Os Terena chegaram na reserva em 1932, vindos do Mato Grosso e incentivados pelo SPI (Sistema de Proteção ao Índio), hoje extinto, na condição de influenciar o grupo Guarani sendo os Terena sempre vistos como bons trabalhadores, já que agricultores e sedentários. Outro propósito foi povoar a área onde a população quase fora dizimada por um surto de gripe espanhola (MELLO,1995).

O aldeamento e a divisão de um espaço entra duas tribos de diferentes etnias aceleram o processo de aculturação, em princípio pela mudança de vida Guarani que passa de nômade a aldeão, também pela limitação de espaço que agora é medido e demarcado.

Lembrando também do contato próximo de duas etnias com costumes diferentes convivendo lado a lado nesse espaço.

2.1 O Corpo e a Construção de Personalidade.

Na estrutura educacional da aldeia, a mãe é a principal responsável por passar para seus descendentes os conteúdos educativos de práticas cotidianas. Como os pais passam o dia no roçado ou chegam a passar dias viajando para caçar para a comunidade, os filhos acompanham as mães diariamente nas tarefas domésticas, nas trilhas, no artesanato. A educação dada aos pequenos aprendizes é bem parecida em cada família. A criança Guarani pode ser caracterizada pelo espírito de independência, participando freqüentemente dos assuntos e atividades dos adultos. A preocupação dos pais perante a criança diz respeito principalmente ao crescimento e bem-estar físico com extraordinário respeito à personalidade, as atitudes da infância são vistas pelos Guarani como manifestações de sua natureza nata e seus espíritos inventivos são sempre a favor do lúdico.

Como método educativo das crianças da aldeia encontramos atitudes interessantes segundo Shaden (1954, p.78). Nos recém-nascidos de Dourados, os pais passam orelha de pau na boca para que estes não fiquem desbocados. Nas meninas, passam a pata da frente de uma cutia morta para que esta aprenda a colher batata doce, cará e outros produtos da terra. As rezas não são ensinadas para as crianças, pois segundo eles elas são individuais e mandadas diretamente pelas divindades. Essas rezas também usadas como canção de ninar. Assim como a reza, o saber vem de Deus e não precisam de escola.

A preocupação com o ensino formal diz respeito com o processo de aculturação que traz às crianças idéias sociais anteriormente desconhecidos e torna freqüente o desejo de parecerem mais civilizados. Mesmo com esse desejo posto à prática, o acompanhamento à rotina da educação formal nem sempre é viável pelo distanciamento das condições impostas ao corpo livre do índio. Shaden relata as queixas do encarregado do posto indígena Curt Nimuendaju que os Guarani só mandavam as crianças para a escola nos dias em que eles distribuíam roupas e mantimentos. A mesma queixa, não diziam respeito aos Terena que mantinham uma estrutura social mais parecida com a do “branco” e mandavam suas crianças freqüentemente à escola.

A criança Guarani não fixa suas expectativas numa determinada pessoa, várias pessoas da aldeia são responsáveis pela punição ou recompensa das crianças assim, cria-se um aspecto multidisciplinar nas suas atitudes. As crianças que recebem ordem de uma determinada pessoa tornam-se, com o tempo, dependentes de uma autoridade que a diga o que fazer e o caminho a seguir. Em caso de liderança, alguns fundamentos são ensinados a fim de direcionar os anseios deste perante a comunidade.

3. DANÇAS, RITOS E A “TERRA SEM MALES”.

Na lenda Guarani, a “Terra sem Mal” é uma migração das aldeias para o leste. Nessa crença, eles acreditam chegar ao mar, ponto de obstáculo entre os homens e os deuses, e ao atravessá-lo e chegarem ao paraíso. Nas noites de inverno, realizam danças religiosas, cujo objetivo é tornar o corpo leve para subirem a Terra Prometida (SANTOS, MYAZAKI E BARRACO, 1979). O Jejum e a dança são fundamentais para estarem em contato com os deuses e assim chegarem ao paraíso.

A colheita do milho é o que determina o calendário social e religioso. Na tekoa, casa onde vivem as famílias, podendo ter várias na mesma tekoea, é onde o cultivo do milho é realizado. Na colheita, as famílias se reúnem para a imposição de nomes às crianças, esse ritual é chamado nemongaraí (MELLO, 1995). Com os jesuítas, aspectos religiosos foram incorporados à cultura Guarani, misturando os nomes das divindades, por exemplo.

Os Terena, ao contrário dos Guarani, têm as atividades agrícolas como base de sua sociedade. Por esse motivo, os trabalhadores sedentários foram vistos pelos que determinaram sua migração do Mato Grosso para a reserva de Avaí, como “pessoas de bem”. Na agricultura, era a mulher responsável pelo plantio e colheita e o homem responsável pela derrubada das matas para realização da plantação. A divisão de trabalho por sexo é totalmente relacionada com o mito da criação do universo. Dois heróis gêmeos entregavam aos homens os instrumentos para a agricultura e às mulheres o fuso de fiar. Assim, o homem é responsável pela preparação da roça, a caça, a pesca e as cestarias, e às mulheres às tarefas de fiação, cerâmica e trabalhos caseiros (MELLO, 1995).

Quanto à cultura corporal, a “Dança do Bate-Pau” é uma das manifestações tradicionais ainda praticada na reserva de Araribá,

onde ao som de flauta e tambor, dois grupos, um azul e outro vermelho, fazem uma evolução com bодоques e bastões. Esses rituais acontecem com o aparecimento das sete estrelas no mês de abril.

Na mitologia os Terena foram tirados do fundo do mar por um herói que lhes deu o fogo e demais materiais necessários para a sobrevivência (MELLO, 1995).

Essas manifestações culturais e as atividades diárias de artesanato, pinturas das aldeias da reserva de Araribá são de especial importância na pesquisa no relacionamento da cultura e a educação informal das aldeias. Na atual disposição das aldeias na reserva, tanto a aldeia Nimuendaju, quanto a Kopenuti possuem uma escola de rede municipal na dependência da aldeia. À essas escolas cabem o dever de educar com o intuito de cidadania, introduzindo os valores “brancos” na educação das crianças, que não são utilizados no cotidiano da comunidade e assim, conseqüentemente, contribuindo com o processo de aculturação das etnias da reserva. Com o aldeamento, a reprodução das culturas passou a se limitar de acordo com a restrição de espaço, isso a influenciou diretamente na relação de educação informal, a de mestre para aprendiz. Essa educação informal é um ponto fundamental na questão do resgate cultural, sendo que os ritos, as danças, os hábitos diários são passados de gerações caracterizando o ambiente rico da relação do índio com seus deuses e natureza.

Esse processo de relacionamento da educação informal com a cultura corporal atinge diretamente nosso sistema diário de convivência no mundo globalizado, onde deixamos de lado a relação mestre-aprendiz, fundamentada nas particularidades de nossas culturas, para seguir apenas programas de treinamentos unificados que não incluem a variabilidade das condições étnicas presentes em cada região, especificamente no estado de São Paulo.

Como objetivo deste trabalho temos a possibilidade de ampliar as condições de atividade física praticadas tanto na escola formal, como na escola informal, através de estudos feitos com bases em ritos e danças características da cultura indígena presente no estado de São Paulo. Esse conhecimentos estudados para a realização da pesquisa nos remete à vastidão de caminhos a seguir nos diferentes tipos de treinamento do corpo e da alma e para poderem assim serem empregados na nossa rotina com a finalidade de diminuir os impactos causados pelos fatores de devastação cultural e do meio ambiente. Lembrando que este estudo não se remete apenas a nossa rotina de trabalho exaustiva, mas também e talvez principalmente à rotina da população indígena em questão que mesmo tutelados pelo estado são submetidos ao trabalho árduo da roça de mandioca necessário para sobrevivência de famílias inteiras que estão aldeadas na reserva e sem condição de plantio e nem de exploração de seus corpos através da realização e expressão de seus hábitos culturais. Dizem ainda esses povos que seus corpos já se encontram pesados demais para subirem à Terra sem Males, como reza sua lenda, pela falta de manutenção de suas atividades corporais.

4. A CULTURA GUARANI

4.1 A Lenda de Criação do Mundo

Como base aos questionamentos da pesquisa, remeto um capítulo exclusivo sobre a cultura Guarani considerando o que se tem em literatura sobre a trajetória dos Guarani na procura da “Terra sem Males”; e é sobre isso que começarei o assunto.

A “Terra sem males” serve à cultura desse povo, como o Paraíso é para os cristãos. Na busca por um lugar melhor, onde há comida em abundância, animais e seres humanos em equilíbrio com a natureza e a proximidade com os deuses venerados em suas crenças, o povo Guarani adotou em seu estilo de vida a condição do nomadismo, migrando pelos sertões e florestas do continente Sul-Americano sempre rumando para o Leste, para o mar.

Segundo a crença Guarani, o mundo foi criado por Ñanderuvuçu (Nosso Pai Grande) junto com seu auxiliar Ñanderú Mbaecuaá sobre um suporte em forma de cruz e provida de água. Ñanderuvuçu ocupa a posição de deus imponente e criador, ele cria também uma mulher Ñandecý (Nossa Mãe) que não é uma divindade e sim uma mulher terrena e esposa de Ñanderuvuçu e Ñanderú Mbaecuaá. Com eles Ñandecý tem dois filhos, gêmeos, um de cada pai, Ñanderyqueý e Tyvyryý.

Em seu livro, *As lendas de Criação e Destruição do mundo*, Curt Nimuendaju Unkel, pesquisador alemão, conta a criação do mundo na visão dos Apapocuva-Guarani. Antes de criar a terra, Ñanderuvuçu fez a espora da terra (yvy-itá) colocando uma viga no sentido leste-oeste e outra por cima no sentido norte-sul pisando então sobre o ponto de cruzamento deste yvyrá joacă recoypý (cruz eterna de madeira) e encheu os quadrantes de terra. Quando a terra tiver que ser destruída,

Ñanderyqueý, filho de Ñanderuvuçu com Ñandecý, tomará a extremidade oriental do braço inferior da cruz e o puxará lentamente para o leste, enquanto o braço superior permanecerá na posição original, com isso, a terra perderia seu suporte ocidental. Ao mesmo tempo o fogo subterrâneo (yvý ocái) começa a devorar o subsolo a partir da borda ocidental e depois a superfície.

Na lenda contam também sobre duas catástrofes, a de desmoronamento da terra e do dilúvio associadas a “queda das trevas” e “a chegada do Jaguar Azul”. A primeira acontece quando os morcegos mbopi recoypý devoram o sol e a lua. Na segunda, o Jaguar Azul desce dos céus e devora os humanos.

Ñanderuvuçu ergue sua casa no meio da terra para morar com Ñandecý e avança ao meio da mata iniciando a plantação por onde passava, ao pedir que Ñandecý fosse colher o milho que já estava crescido, Ñandecý não acredita em Ñanderuvuçu e acrescenta maldosamente que não está grávida dele, mas de Ñanderú Mbaecuaá. Ñanderuvuçu vai embora para nunca mais voltar e finca uma cruz no chão, torcendo os braços desta para fechar o caminho que tomou e abrir uma que leva direto aos jaguares. Ñandecý quando tenta seguir as pistas do marido pega a trilha e é devorada pelos jaguares. Os gêmeos milagrosamente são salvos. Ñanderuvuçu leva a alma de Ñandecý contigo onde mora hoje no Oriente, na “Terra sem Males”. Ñanderyqueý, filho de Ñanderuvuçu, cria uma dança de pajelança para se comunicar com o pai desaparecido, este lhe delega o cuidado da terra. A casa de Ñanderuvuçu está envolta pela noite eterna, mas ele deitado em sua rede ainda tem a luz que carrega no peito. O morcego mbopí recoypý pende da cumieira da casa; e o Jaguar Azul (Jaguarový) está deitado embaixo da rede, na entrada da casa há uma enorme serpente. O morcego mbopí recoypý seria o responsável pelos eclipses, esta atribuição é feita apenas pela horda dos Apapocúva e seu parentes próximos.

Na lenda Guaraní de criação do mundo, muito podemos encontrar sobre as danças e ritos destinados aos personagens que acabamos de conhecer. Nessas danças e ritos, os sentimentos e emoções são expressas pelo corpo em forma de movimento, pintura, colares e brincos de penas.

Esses movimentos servem para esse povo como forma de chegar em um mundo melhor, perto de seus deuses e de sua natureza perfeita. A comunidade chega a passar dias dançando e cantando para venerar suas divindades ou simplesmente para dar nome aos recém-nascidos, como é o caso do Nemongaraí realizado pelos Guaraní na época da colheita do milho.

Através de um ritual, o pajé da aldeia recebe de seus deuses o nome destinado para cada criança nascida na comunidade. O corpo mais uma vez aparece justificando uma estrutura cultural tida pelos antigos Guaraní como forma de alcançar a Terra sem Males.

4.2 A cultura ameaçada

"A grande massa dos Guarani está hoje totalmente convencida de que já não poderá alcançar o Yvy Marãey (Terra sem Mal) como o fizera outrora os antigos. Longe de duvidar da existência desse paraíso e de considerar o fato impossível em si, eles explicam sua limitação argumentando que seu corpo adquiriu um peso invencível devido ao consumo de alimentos europeus (sal, carne de animais domésticos, cachaça, etc.), bem com pelo uso de vestimentas européias"

Kurt Nimuendaju Unkel (1087:104)

A cultura indígena, não só no interior do estado de São Paulo como em várias partes do mundo, veio sendo ameaçada e algumas até dizimadas em relação aos seus valores do cotidiano. Essa ameaça veio por parte da cultura branca com seus interesses expansionistas de exploração de terras e pessoas que inevitavelmente cruzaram seus caminhos no avanço do progresso capitalista. Muitos integrantes das comunidades indígenas confrontaram direta e indiretamente com os desbravadores portugueses que procuravam, na riqueza da nossa terra, qualquer objeto que enriquecesse seu comércio, mesmo que isso fosse conquistado com violência física.

Além da guerra armada entre os colonizadores e os povos indígenas no litoral do nosso país, à medida que os anos se passavam e os valentes colonizadores avançavam nas matas, conquistavam terras, povoavam e catequizavam os habitantes nativos também se deparavam com a resistência da população indígena que então lutava para defender o que, aos poucos, foi apenas sobrando do seu espaço, do seu povo e de sua cultura.

Os Guarani, população indígena de cultura nômade, sofreu esse impacto com a cultura branca diretamente, pois ao mesmo tempo que migravam sempre para o leste, em busca da Terra sem Males, os portugueses exploravam as terras sempre na direção oeste, ou seja, para dentro do Brasil. Desses confrontos colhemos apenas a covarde dizimação de algumas culturas e o aldeamento de outras tantas.

No interior de São Paulo, esse confronto violento aconteceu também na região de Bauru. Com o avanço da estrada de ferro na direção oeste, muitas aldeias que estavam na rota do progresso foram expulsas violentamente o que decretou o fim da paz dos operários que ali trabalhavam. As comunidades que residiam no local se revoltaram contra tal desrespeito e revidaram com recíproca violência. Valentes, armaram emboscadas nas matas e nos rios, matavam os operários nos alojamentos, lutavam para proteger suas terras e famílias, mas não esperavam o encontro com a arma de fogo, o que foi determinante para a vitória da estrada de ferro.

Com esse confronto os poucos índios que sobraram perdidos na mata com o que restava de suas famílias foram recolhidos e aldeados, através da atuação do pesquisador alemão naturalizado brasileiro Curt Nimuendaju Unkel, em um município do interior de São Paulo, a 42km de Bauru, chamado Avaí, onde foram demarcados 900 alqueires em 1910 e chamado de Posto Indígena de Araribá.

Como prova do desgaste cultural podemos achar em estudos sobre a comunidade de Araribá, como o do pesquisador Egon Shaden, 1954, indicadores como o uso dos arcos e flechas que hoje é fabricado artesanalmente pela comunidade apenas como interesse comercial, vendidos para os inúmeros visitantes da aldeia interessados em comprar armas indígenas. Na caça, onde esse arcos e flechas eram usados, hoje os caçadores usam apitos de origem industrial para atrair os macucos nas matas sendo uma sutil parte do processo aculturativo enfrentado na aldeia.

A relação do Guarani com o dinheiro é pelo puro prazer de consumir, dando muitas vezes maior importância do que ele realmente tem. O dinheiro é para ser gasto; não se trata de economizá-lo e à sua poupança não corresponde função na cultura Guarani. (SHADEN, 1954, p. 65). Essa relação cada vez mais próxima do índio com outro tipo de economia proporciona, não só o prazer de consumir bens materiais, mas de trocar seu trabalho, dinheiro, com fim de sobrevivência, já que os antigos hábitos cotidianos de caça, pesca, plantações, tornam-se a cada dia insustentáveis perante as condições estabelecidas pelas demarcações da reserva.

Com o processo aculturativo, encontramos também o fim da família-grande. Por costume, os Guarani moravam em casas povoadas por vários membros da família, cada um desempenhando sua função, solidificava uma estrutura social igualitária. Com a troca do trabalho pelo dinheiro a estrutura social, tanto dentro da casa como na comunidade inteira, torna-se estratificada com a individualização da economia. Vistos pela sociedade como indolentes, preguiçosos e economicamente incapazes, o maior esforço dos trabalhadores da aldeia é para superar os motivos de discriminação por parte dos moradores civilizados (SHADEN, 1954, p.70).

O fato dos índios precisarem de dinheiro para a sobrevivência faz com que haja uma ruptura quase completa dele com as atividades realizadas dentro da aldeia para se inserir em um contexto maior da economia regional. Assim, o índio sai dos limites da reserva para se inserir no mercado de trabalho, freqüentemente realizando serviços em plantações nas fazendas da região, vendendo seu artesanato nas grandes cidades e até se beneficiando do que resta de sua natureza, vendendo orquídeas e papagaios (SHADEN, 1954, p.70).

Situações interessantes são encontradas dos índios envolvidos no mercado de trabalho. Como a de mendicância, relatada também do trabalho de Shaden (1954, p.70), o índio quando se depara com a sociedade carregada de preconceitos entra em conflito com sua própria diferença e se põe na exata condição de marginal social.

A consequência desse conflito é o alto índice de alcoolismo encontrado nas aldeias, brigas freqüentes e uma brecha para a exploração das terras indígenas por terceiros.

Mas essa situação não é só encontrada nas aldeias do estado de São Paulo, em condições extremas de sobrevivência, os índio em Dourados-MS são os catadores de lixo recicláveis da cidade, as crianças, por sua vez, não contentes com a vida levada pelos pais e seus familiares, acabam por cometer o suicídio por acreditar que sua vidas serão melhores após a morte.

5. PROCEDIMENTOS ADOTADOS

5.1 Visita à Reserva Indígena de Araribá

O trabalho contou com uma visita à reserva indígena de Araribá. Essa visita foi essencial pra conseguir visualizar a população foco da pesquisa.

Chegamos ao núcleo de aldeias indígenas por volta das 10:30h da manhã, a reserva é chamada de Araribá, localizada na cidade de Avaí, 42km da cidade de Bauru no interior do estado de São Paulo e têm em seus limites 4 aldeias indígenas, sendo 3 de etnia Terena e 1 de etnia Guarani . A primeira aldeia visitada foi a Ekeruá, o acesso é fácil, podendo entrar na aldeia com o carro. Seguimos um carro da FUNAI até a entrada da aldeia.

O espaço da aldeia é bem aberto, descampado com vento constante. O ambiente estava lotado, várias escolas e várias cidades da região estavam presentes, alunos e professores. O evento era o dia do índio. Ao chegarmos fomos direito na escola Terena, onde estavam expostos artesanatos, dentre eles vasos de cerâmica, colares, brincos e cocares. Os artesanatos são feitos com penas de galinha tingidas com tinta pois a presença de aves é escassa devido a falta de árvores da região. Visitamos também a sala de aula que estava aberta à visitação com trabalhos das crianças indígenas. Lá eles aprendem a língua Terena e também a língua portuguesa. Os alunos dividem a sala de acordo com a graduação de cada aluno, sendo que eles dividem cada duas séries a mesma classe.

As danças começaram por volta das 13h, uma das danças é a chamada dança do bate pau, típica da aldeia Terena. Essa dança consiste em danças o bater os pedaços de paus com marcação que seguem uma

flauta e uma espécie de tambor. Os indígenas cantaram o hino Terena e também o hino brasileiro respectivamente.

Acabando as danças seguimos para outra aldeia Terena chamada Kopenuti, lá estava acontecendo as mesmas danças da aldeia Ekeruá, a diferença da dança do bate-pau foi as vestimentas que consistiam em saias de taboa e cocares mais bem elaborados com penas “importadas” de outros estados. Lá conhecemos índios Guarani vindos de uma aldeia localizada no estado do Paraná. Os artesanatos são feitos com penas de aves exóticas variando muito nas cores.

Um palco CDHU montado no meio de um campo, nesse palco os agentes da FUNAI estavam distribuindo as chaves das casas doadas pelo CDHU para a aldeia Kopenuti. Foram doadas 70 casas numa aldeia com 150 famílias. Chamou nossa minha atenção a sujeira jogada no chão da aldeia pelos próprios índios, copos plásticos, sacos plásticos.

Dois dias depois voltamos à reserva Araribá, onde outra festa acontecia, desta vez na aldeia Nimuendaju de etnia Guarani. lá a disposição da aldeia é totalmente diferente das aldeias de etnia Terena. Fomos recebidas por um rapaz guarani, vestido a caráter. Paramos o carro na entrada de uma trilha que percorrermos por volta de 10 minutos. Seguimos a trilha logo atrás de uma escola que tinha acabado de chegar também, nos chamou a atenção a falta de preparo dos alunos para entrarem na aldeia, falando muito alto e jogando lixo na trilha. Quase chegando no local da festa encontramos os integrantes da aldeia fazendo o percurso no sentido contrário e resolvemos ir atrás. Os guarani são muito animados e divertem-se bastante durante o percurso dando risada e cantando. Chegando ao local da festa, o que impressiona é beleza do ambiente, com flores exóticas e pela beleza dos integrantes da aldeia. Observamos as danças que foram realizadas em um quiosque de sapé, o ambiente estava lotado e quase não assistimos as danças pois os visitantes cercaram o quiosque deixando os guarani até acanhados com a situação. Na aldeia também são feitos artesanatos guarani, que são

brincos e colares e também cestos de palha, animais talhados em uma madeira chamada tambu, arco e flecha.

Ao meio-dia, foi servido um almoço para todos os visitantes, o prato era carne de boi, mandioca (plantada na área da aldeia), repolho. Foi vendido também refrigerante. Visitamos também a casa do pajé, onde há muitos remédios naturais e também artesanatos. Na aldeia Guarani chamou a atenção da diferença entre os integrantes da comunidade com os visitantes. As trilhas ficaram muito sujas com lixo e bastante machucadas, com galhos quebrados e flores arrancadas. Na volta, com a trilha vazia e tranqüila, conseguimos observar animais como aves e pequenos roedores procurando comida caída das mãos dos visitantes. Encontramos também flores e plantas exóticas.

Com essa visita ficou mais próxima a relação da pesquisa com a comunidade, o contato com os integrantes da aldeia foi muito pouco porém foi feito em cima de muita observação aos hábitos ali expostos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a diminuição da jornada de trabalho, devido às exigências das classes trabalhadoras, surge um aumento no tempo destinado ao lazer, havendo desta forma, uma necessidade de atenção para um melhor aproveitamento deste período. Em consequência da sociedade militarista vigente na década de 60, este aproveitamento das horas de lazer torna-se sistematizado e padronizado desprezando cada vez mais a necessidade de adaptação da movimentação corporal às condições culturais regionais. Com os estudos em atividade física estagnados na forma de exercício padrão, os exercícios alternativos, danças regionais, também as danças rituais e qualquer atividade cultural foram sofrendo aos poucos, um processo de aculturação relacionado diretamente com o movimento corporal, ou seja, o desgaste cultural influenciando diretamente nas particularidades de cada região. Essa atividade física praticada com a velocidade dos tempos modernos, tendo hora estipulada para acontecer, crianças e adultos têm que acompanhar o sistema de ensino corporal que limitam os aspectos expressivos do corpo nos tornando cada vez mais parecidos corporal e intelectualmente uns com os outros.

A comunidade indígena no estado de São Paulo, após anos de violência física e moral tem no que resta de sua cultura valores impressindíveis de humanidade que ao invés de ser inibida pelo civilizado, deveria ser aprendida e ensinada para suas novas gerações. Valores como o companheirismo, solidariedade e cumplicidade, são percebidos nas literaturas sobre a etnia Guarani que preserva isso em seu cotidiano. A proximidade entre os corpos faz com que o índio sinta o que próximo sente. Todos experimentam de uma mesma brincadeira, todos participam de um mesmo ritual.

As novas gerações herdeiras do homem civilizado é melhor caracterizada por atos de um não civilizado. Valores de conduta, estrutura social globalizada refletem o desprezo de um com o outro, o desprezo deste com a natureza e vemos a cada dia a fúria desta com a ganância do homem. Esse homem individualista deixa de presente para as próximas gerações a corrupção, o lixo, a miséria, e a história apenas nos livros de história. As crianças amadurecem cada vez mais rápido, praticamente sem tempo de amadurecer. Os jovens crescem sem o direito de questionar. E os adultos servindo apenas ao progresso. Nos cabe perguntar o que será feito das particularidades regionais e culturais. O futuro do corpo já vem descrito na bula dos remédios que a sociedade doente que estamos preservando, precisa todos os dias. O corpo está cada vez mais debilitado movido cada vez mais pela indústria farmacêutica. O que faremos com a perfeição de nosso sistema mecânico, de ossos e ligamentos se eles estão cada dia mais inutilizados no cotidiano. O corpo é uma parte da natureza e deve com ela interagir. Como podemos preservar a natureza se estamos cada vez mais longe dela? Como podemos saber o valor de uma árvore se não precisamos dela viva? Estamos usando a natureza, e conseqüentemente nossos corpos como uma fonte de energia não-renovável que alimenta os interesses de alguns poucos padrões que nos explora e fazem com que exploremos outros como aconteceu com a marginalização das aldeias indígenas que pagam por serem protegidos, tutelados, e nem podem exercer sua cultura, mas sim, cada vez mais, a cultura a “branco” imposta pelas escolas da rede de ensino municipal despreparadas para aproveitarem a rica história indígena a favor de elementos educativo sensatos não só na comunidade indígena mas em todas as regiões brasileiras regidas pela imensa diversidade cultural e regional.

7. Bibliografia

AGUIAR, Carmen Maria. Educação, Natureza e Cultura: Um Modo de Ensinar, USP, faculdade de educação, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues Identidade & Etnia: Construção da Pessoa e Resistência cultura. São Paulo: Ed brasiliense 1986.

CANELA, Paulo Roberto Côjapà. Histórias Indígenas: Retroversão de Histórias Escritas por Autores Indígenas nas suas línguas Modernas. 1997, V1 Livro de leitura para Escolas Indígenas.

HERNANDEZ. Isabel Educação e Sociedade indígena: uma aplicação bilíngüe do método Paulo Freire. São Paulo, Ed.Cortez, 1981.

MAGNONI, Maria Graça Mello. Imaginário Araribá: A prática pedagógica a Serviço da Reconstrução de Valores. Marília, 2000. Tese de Doutorado

MELLATI, Julio César Índios do Brasil. Brasília, 1987, 5ª Ed. Editora Hucitec São Paulo

MELLO, Maria da Graça. No espaço do branco e no espaço do índio, a negação do ser índio, Bauru, 1995. Dissertação de Mestrado

SCHADEN, Egon Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. São Paulo, 1954.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico, São Paulo, Cortez Editora, 20ªed, 1999.

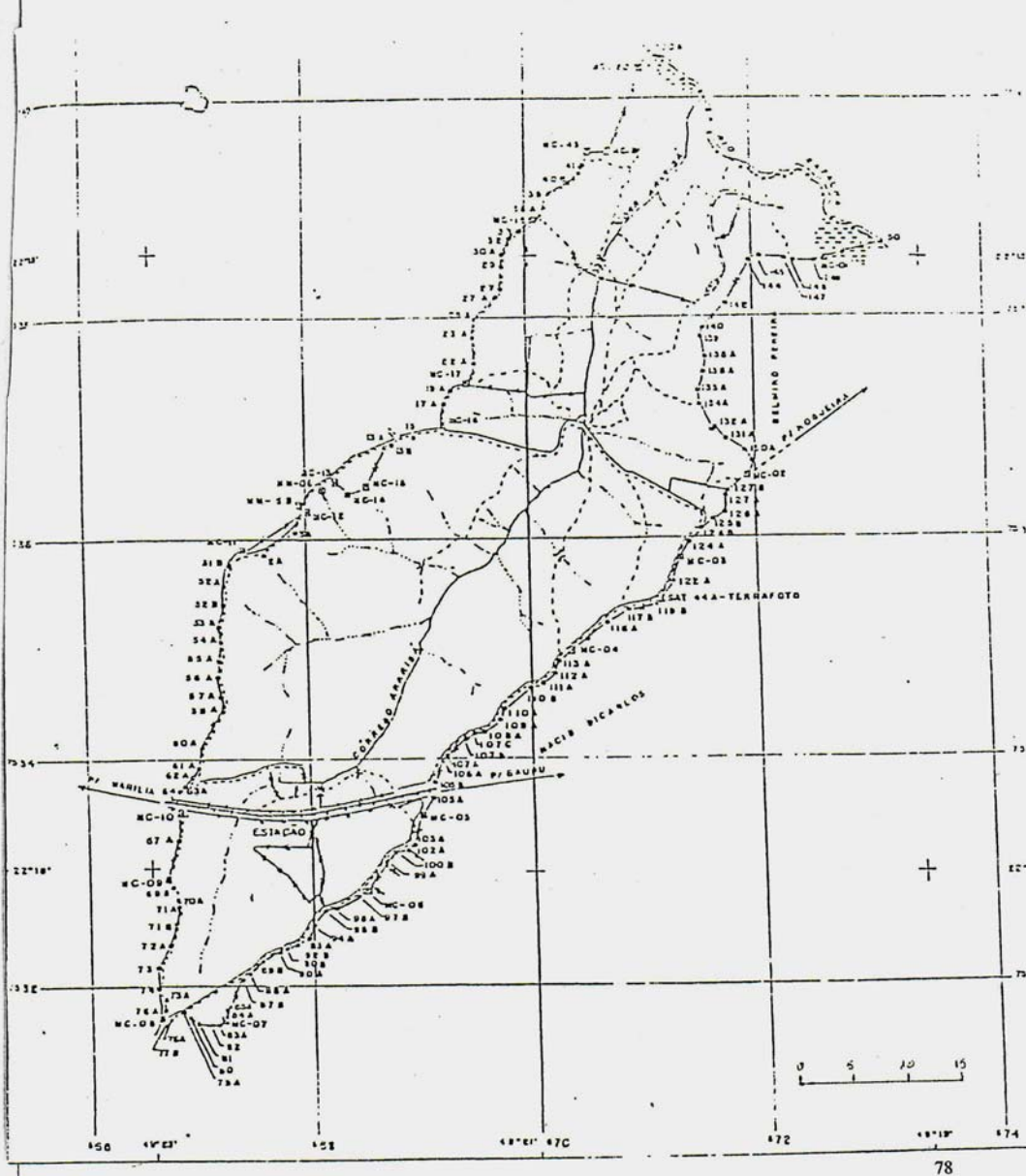
UNKEL, Curt Nimuendaju As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani

Mapas:

MELLO, Maria da Graça. No espaço do branco e no espaço do índio, a negação do ser índio, Bauru, 1995. Dissertação de Mestrado.

ANEXOS**Mapa da 7ª Região Administrativa do Estado de São Paulo**

Planta da Reserva Índigena de Araribá



Caroline Cancian
(Aluna)

Carmen Maria Aguiar
(Orientadora)